

CE 2011: Subsídio para a compreensão do Lema:

“Ele veio curar nossos males”

1 – Algumas considerações sobre a condição humana

1. Falar sobre o ser humano não é uma tarefa fácil, principalmente quando se trata de uma abordagem que tenha como foco principal a fragilidade humana e os males decorrentes desta fragilidade. De fato, até mesmo a realidade da morte encontra explicações satisfatórias quando analisamos o ser humano a partir da sua natureza, mas a realidade do sofrimento parece ser, em si mesma, absurda! Como explicar a carência e a dor em si mesmas como sendo um caminho para o crescimento rumo à perfeição humana? Mas não podemos negar que o sofrimento faz parte da condição humana e devemos refletir seriamente sobre este assunto.

2. Nós temos diferentes tipos de sofrimento. O primeiro tipo é o físico. Este tipo de sofrimento pode ter várias causas, algumas ligadas ao próprio corpo, como indisposições, mal funcionamento do organismo e processos degenerativos. Outras causas são externas ao corpo, como agentes causadores das doenças alérgicas, inflamatórias ou infecciosas, carências que geram fome, sede ou frio, intoxicações em geral causadas por alimentação, inalação ou contato com substâncias nocivas à saúde, ou também as que encontram sua origem em traumatismos e mutilações decorrentes de acidentes ou da violência em geral.

3. Outro tipo de sofrimento é o afetivo, que também pode ter diversas causas como sentimento não correspondido e rompimento de relações que podem ser decorrentes de conflitos, mudanças nas condições de vida, crises sociais ou até mesmo pela morte.

4. Existe o sofrimento psicológico, que pode ser causado por traumas, situações de sofrimento e pela violência estrutural, que é fundamentada na discriminação com o objetivo de negar direitos. Essas situações geram ansiedade, depressão, pânico, neuroses e psicoses.

5. Por fim, existe o sofrimento moral, que está vinculado aos erros que cometemos, sejam culposos ou dolosos. Este tipo de sofrimento se manifesta no arrependimento.

6. Muitas causas dos sofrimentos são naturais. Algumas são inerentes à condição humana como as resultantes do processo de envelhecimento que tem o seu início por volta dos 30 anos de idade, quando começa o processo de perda de massa muscular, e vai se aprofundar com as mudanças hormonais por ocasião da andropausa ou menopausa. Outras causas naturais estão relacionadas com o ambiente em geral, como as grandes catástrofes causadas por vulcões, terremotos e maremotos.

7. Outras causas dos diferentes tipos de sofrimentos estão relacionadas com a ação humana. Geralmente, quando isso acontece, encontramos a realidade do pecado, mesmo que não seja fácil perceber a sua presença ou identificar a sua natureza. Assim, temos a violência em geral, os males causados pelo processo de exclusão social decorrente de modelos econômicos, as doenças causadas pela falta de saneamento básico ou pela negligência de políticas públicas ligadas à educação e à saúde, as doenças sexualmente transmissíveis, ou ainda, como pudemos refletir na Campanha da Fraternidade de 2011, as mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global em grande parte causado pela ação humana.

8. O sofrimento é sempre um sinal de que algo não vai bem e, por isso, a vida é de algum modo ameaçada. Por isso, ele é sempre um alerta de que providências devem ser tomadas para a superação de um problema ou para evitar o seu agravamento, quando isso é possível. Caso contrário, são necessárias medidas paliativas que, embora não contribuam para a superação do problema ou para evitar o seu agravamento, contribuem para aliviar o sofrimento em si. Assim, a dor ou a disfunção nos revela a necessidade de um determinado tratamento de saúde que, na maioria das vezes, nos possibilita a cura de um determinado mal. Caso a dor não existisse e o mal não fosse percebido, ele poderia evoluir para quadros mais graves podendo, inclusive, chegar a óbito.

9. Como boa parte do sofrimento encontra sua raiz no pecado, outro caminho necessário para a sua superação é a ação evangelizadora da Igreja, tendo em vista a formação da consciência que possibilite a conversão e também a construção de um itinerário formativo, espiritual e solidário que viabilize um processo no qual a conversão venha a se concretizar.

10. Assim, o sofrimento em geral deixa de ser simplesmente uma expressão de fragilidade e imperfeição para tornar-se causa de um processo de humanização, de superação, de possibilidade de novos relacionamentos e de construção de uma vida melhor, com um significado novo. Este significado só pode ser entendido a partir da fé em Deus e na proposta do Evangelho de seu Filho e nosso irmão Jesus. Segundo esta proposta, o amor faz com que os relacionamentos se fortaleçam e se santifiquem, fortalecendo a pessoa, aperfeiçoando as suas condições de vida em geral e superando, a partir do protagonismo decorrente do amor afetivo e efetivo, toda forma de sofrimento que tenha como causa as situações decorrentes da cultura da morte gerada pelo pecado e que acentuam cada vez mais a fragilidade humana, que só pode ser fortalecida no amor e na solidariedade.

11. O Natal nos ilumina para que tenhamos uma nova forma de olhar para a condição humana. A vinda de Jesus ao mundo, unindo as coisas da terra às coisas do céu nos possibilita uma compreensão mais profunda sobre a nossa natureza e os motivos pelos quais nós existimos e, por isso, somos convidados a ver, à luz da fé, todos os elementos que marcam a condição humana.

2 – Jesus assume em tudo a condição humana

12. Celebrar o Natal é celebrar o mistério da Encarnação do Filho de Deus, é fazer memória do fato de que *“a Palavra se fez carne e veio morar entre nós”* (Jo 1, 14) para ser o Emanuel, o Deus-conosco (cf. Mt 1, 22-23).

13. Esses fatos nos mostram diferentes aspectos da condição humana de Jesus. Ele convivia com todas as pessoas, sem nenhum tipo de discriminação ou de exclusão. Convivia com os fariseus, como é o caso do chefe Nicodemos (cf. Jo 3, 1-36) e come com eles, como na casa de Simão, quando Jesus perdoa a pecadora pública (cf. Lc 7, 36-50), é chamado de comilão e beberrão, amigo dos pecadores e dos cobradores de impostos (cf. Mt 11, 19; Lc 15, 1-2).

14. Jesus tem um grupo de amigos que chama de apóstolos e uma proximidade maior com Pedro, Tiago e João (cf. Mt 17, 1s; Mc 1, 29s; 5, 37s; 9, 2s; 14, 32s; Lc 5, 10s; 8, 51s; 9, 28s), convive com a família de Lázaro, Maria e Marta (cf. Lc 10, 38s; Jo 11, 1-44; 12, 1-11), é amigo de Maria Madalena (cf. Mt 27, 56-61; 28, 1-8; Mc 15, 40-47; 15, 1-19; Lc 8, 1-3; 24, 1-12; Jo 19, 25-27; 20, 1-2.11-18).

15. Jesus também tem sentimentos como qualquer pessoa humana. Jesus tem fome, como vemos na primeira tentação e na passagem da figueira estéril (cf. Mt 4, 2; 21, 18; Mc 11, 12; Lc 4, 2), sede, como vemos na conversa com a samaritana e no alto da cruz (cf. Jo 4, 7-8; 19, 28), compaixão, como vemos diante das necessidades da multidão ou do sofrimento daqueles que encontra pelo caminho, (cf. Mt 9, 35; 14, 14; 15, 32; 20, 34; Mc 1, 41; 6, 34; 8, 2; Lc 7, 13), tristeza diante da dureza de coração dos judeus ou diante da morte, (cf. Mt 26, 37; Mc 3, 5; 14, 19), se comove diante das irmãs de Lázaro que havia morrido (cf. Jo 11, 33) e chora a sua morte, assim como chora sobre Jerusalém, que não aceitou seu convite do Reino e não se converteu (cf. Lc 19, 41; Jo 11, 35), se alegra pela revelação aos pequeninos e quer que todos participem da sua alegria (cf. Lc 10, 21; Jo 15, 11; 17, 13) e se angustia diante da realidade da cruz que se aproxima (cf. Mt 26, 37).

16. Todas essas características da vida de Jesus nos mostram que a Encarnação não foi apenas mera simulação ou aparência, mas foi real. Na Encarnação, o Onipotente precisou ser amamentado, alimentado e cuidado para não morrer de fome ou de frio, para que pudesse crescer e ser sadio. O Onisciente precisou aprender a andar, a falar e a adquirir todos os conhecimentos necessários tanto para sua participação na sociedade judaica como para o exercício do seu ministério.

17. Quando o Verbo assume a condição humana, ele assume também a fragilidade humana. São João, no Prólogo do seu Evangelho, nos diz: *“A Palavra se fez carne e veio morar entre nós”* (Jo 1, 14). O termo “carne” utilizado por São João foi o grego *sarx*, que significa fragilidade, sendo que esta é fruto da condição humana marcada pelo pecado¹.

18. Celebrar o Natal não é simplesmente celebrar o Deus que vem até nós e se faz presente na nossa vida. É celebrar o Deus que se fez um de nós e que, mesmo não conhecendo a realidade do pecado pessoal, assumiu a nossa condição de pecadores para destruir na cruz essa condição conforme nos ensina São Paulo: *“Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se ele próprio um maldito em nosso favor, pois está escrito: ‘Maldito todo aquele que for suspenso no madeiro’”* (Gl 3, 13). Celebrar o Natal é

¹ Para uma melhor compreensão desta questão, sugerimos a leitura da seguinte obra: RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 2001.

celebrar o Deus que assume em tudo a condição humana, até mesmo na sua maior miséria, para que todos nós pudéssemos ser divinizados.

19. Ao assumir a condição humana, Jesus necessariamente assume todas as formas de dores e sofrimentos que marcam a nossa existência. Assim, somos convidados para, iluminados pelo mistério da Encarnação, analisar as atitudes de Jesus em relação ao sofrimento humano, seja no que diz respeito ao sofrimento do próximo, seja no que diz respeito ao seu próprio sofrimento.

3 – Jesus e o sofrimento humano

20. Uma das principais características da pessoa de Jesus é a sua preocupação constante com o sofrimento humano. Ele nunca evita ou se desvia de alguém que sofre, seja qual for a natureza do seu sofrimento, mas sempre dá atenção, tem algo a dizer, tem um gesto concreto.

21. Mas Jesus ia muito mais além. Ele se envolvia com as pessoas e com o seu sofrimento, com a sua dor, cumprindo a profecia de Isaías: *“Eram na verdade os nossos sofrimentos que ele carregava, eram as nossas dores, que levava às costas”* (Is 53, 4). Os sofrimentos de toda a humanidade se tornam seu próprio sofrimento e ele deixa isso claro ao afirmar que tudo o que fizermos ou deixarmos de fazer diante do sofrimento dos nossos irmãos e irmãs, foi a ele que fizemos ou deixamos de fazer (cf. Mt 25, 31-45).

22. A sua vida e o seu agir tornam-se o imperativo do agir dos que nele creem. Os discípulos de Jesus têm como princípio central do seu agir o novo mandamento diz: *Amai-vos uns aos outros como eu vou amei* (Jo 15, 12)². Assim, precisamos conhecer as atitudes e as exigências de Jesus em relação ao sofrimento dos outros para vivermos o mandamento novo.

23. Jesus fala da nossa postura diante dos necessitados. Na parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37), ele nos mostra a necessidade de não passar adiante de quem sofre, mas ser seu próximo, agir com solidariedade e gratuidade, fazer o que está ao nosso alcance, seja quer for o outro. No trecho sobre o Juízo Final (Mt 25, 31-45), Jesus nos mostra a mística do agir solidário: é preciso que este agir seja sempre o encontro com ele, que veio ao nosso encontro para ser solidário conosco.

24. E foi solidário o tempo todo. Jesus nunca viveu para si próprio, mas sempre para as outras pessoas e para o seu Pai. Seu agir era movido pela compaixão. Assim, ele cura doentes, perdoa pecadores, multiplica pães para saciar a fome do povo no deserto, ensina, exorta. Vai até a raiz dos problemas, discute as verdadeiras questões e o seu agir vai muito além de uma cura assistencial.

25. Jesus nunca usa do bem que realiza para convocar as pessoas para participar da sua missão. Ele só chama pessoas livres, que podem dizer não ao seu projeto. Ele realiza o bem para que a pessoa possa assumir a sua vida, a sua história e seus projetos. Ele nunca disse depois de uma cura: *“Vem e segue-me”*. Ele sempre diz: *“Vai”*. Mesmo quando alguém quer segui-lo depois de uma graça alcançada, como é o caso do endemoninhado de Gerasa (cf. Mc 5, 1-20), Jesus não permite, mas afirma: *“Vai para casa, para junto dos teus, e anuncia-lhes tudo o que o Senhor, em sua misericórdia, fez por ti”*. (Mc 5, 19). Assim, ele reassume a sua vida, os seus relacionamentos e os seus projetos pessoais. Com isso, Jesus nos mostra o verdadeiro sentido da libertação: viver a experiência do amor de Deus na própria vida e ser protagonista da própria história. O nosso agir deve ser serviço ao outro e não um agir proselitista que condiciona o nosso bem à adesão à nossa causa.

26. O agir de Jesus diante dos sofrimentos das pessoas tem como principal objetivo resgatar a vida, a dignidade e a liberdade de quem sofre e esta deve ser a atitude de quem ama como Jesus nos ama.

27. Mas o Natal nos mostra também outra questão muito importante. Quando Jesus assumiu em tudo a condição humana, ele assumiu também os sofrimentos humanos e nos ensinou como devemos nos portar diante dos nossos próprios sofrimentos. Para que isso seja possível, precisamos conhecer Jesus diante do seu próprio sofrimento.

4 – Jesus diante do próprio sofrimento

28. A vida de Jesus não foi isenta de dificuldades e sofrimentos. A sua paixão e morte são a expressão de quem renunciou a si mesmo e assumiu a cruz de cada dia (cf. Mt 16, 24), e esta é uma das exigências para quem quer ser seu discípulo.

29. A atitude que Jesus tem e exige de nós em relação ao sofrimento não é uma atitude ingênua ou de resignação. É uma atitude madura de quem sabe o que é o sofrimento, por que sofre e os benefícios

² Grifo nosso.

que este sofrimento vai trazer quando é fruto de uma ação amorosa. Por isso, precisamos entender a postura de Jesus diante do próprio sofrimento para que possamos abraçar com amor a nossa cruz.

30. Jesus não deseja o próprio sofrimento, mas também não foge dele. Se angustia diante dele, mas o assume: *“Meu pai, se possível, que este cálice passe de mim. Contudo, não seja feito como eu quero, mas como tu queres.”* (Mt 26, 39), ou ainda: *“Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!”* (Mt 26, 42). O momento de oração no Horto das Oliveiras foi de grande sofrimento, conforme o Evangelho de Lucas nos apresenta: *“Entrando em agonia, Jesus orava com mais insistência. Seu suor tornou-se como gotas de sangue que caíam no chão”* (Lc 22, 44).

31. Jesus se descobriu sozinho, abandonado pelos seus próprios amigos e abandonado até mesmo por Deus a ponto de gritar: *“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”* (Mc 15, 34). Mas Jesus não recua e encontra na oração a força para a cruz, e pode dizer no final: *“Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”* (Lc 23, 46)³.

32. Jesus sabe o que a cruz significa para toda a humanidade, e por isso vai até às últimas consequências. Ele sabe que da cruz vai vir a vida, e vida em abundância para todos. Assim, não se trata de assumir o sofrimento pelo sofrimento, mas pelo seu significado, pelo seu alcance salvífico, pelo processo histórico que ela vai gerar, de nova e eterna Aliança do ser humano com Deus.

33. A partir daí, entendemos o sentido de abraçar a nossa cruz, de sofrer, entendemos o martírio, e por isso, descobrimos a necessidade de nos configurar a Jesus também em relação ao nosso sofrimento pessoal, a fim de que ele não seja estéril ou uma realidade absurda, como foi mostrado no início deste texto, mas adquira novos e profundos significados e se tornem fonte de bem maior não só para nós, mas para todos, pois os nossos sofrimentos são incorporados ao de Cristo e completam a sua obra (cf. Cl 1, 24).

34. Essas reflexões sobre Jesus diante da realidade do sofrimento são de suma importância para todos nós, uma vez que nos oferecem os critérios que fundamentam a nossa reflexão sobre os sofrimentos que marcam a nossa vida, dando-nos a oportunidade de compreender melhor os nossos males, de modo que possamos, à luz da fé, fazer com que eles não sejam simplesmente o resultado de um momento ruim fechado em si mesmo, mas a oportunidade de crescimento, de superação e da busca do novo.

5 - A partir do encontro com Jesus, procurar entender os nossos males

35. Natal é tempo de encontro com Jesus. Este encontro acontece por iniciativa dele, que vem ao nosso encontro e quer estabelecer relações conosco, em vista do nosso bem e da superação de todos os nossos males. Ele veio para curar nossas feridas.

36. Mas a solução apresentada por Jesus não é aquela que acontece num passe de mágica, a partir do agir divino. Ela é antes de tudo uma proposta que deve ser conhecida e assumida livremente por todos. Por isso, é necessário o encontro com Jesus, que não pode ser um mero momento de estar juntos com ele, mas que deve ir muito mais além. Neste encontro com Jesus, é preciso conhecer sua pessoa, sua mensagem e sua proposta, para que haja adesão a ela. A partir dessa adesão, deve ter início um processo de protagonismo histórico na busca de assumir a proposta feita por Jesus, o que significa da nossa parte adesão e empenho.

37. Assim, o ponto de partida para a superação dos nossos males é o encontro pessoal com Jesus, para o conhecimento do projeto do Reino de Deus. Este conhecimento nos revela o que de fato pode construir a felicidade humana e qual o caminho para a sua perfeição. Este conhecimento nos revela no sentido mais profundo da palavra quem somos, quais os elementos que verdadeiramente nos trazem a felicidade e quais as causas das nossas feridas.

38. Com isso, percebemos um dos significados mais profundos do mistério da Encarnação que celebramos no Natal: quando o próprio Deus se faz carne e nasce no meio de nós, ele revela para nós o verdadeiro sentido da vida humana e o caminho para a sua perfeição, conseqüentemente para a superação de todas as nossas deficiências e limitações. E nós somos convidados, ao celebrar a festa do Natal, a acolher Deus que vem até nós e buscarmos significados novos para a nossa vida a partir dessa acolhida. É por isso que a festa do Natal é um momento de singular importância no trabalho evangelizador. É momento de aprendizado sobre o significado da nossa existência, de descobrirmos, em Jesus, quem verdadeiramente somos.

39. Este aprendizado tem conseqüências para as nossas vidas. Aprender com Jesus significa ser discípulo dele e em relação a Jesus, não existe discipulado sem missionariedade⁴. Isso significa que o

³ Cf. RAUSCH, T. Op. Cit. p. 176-177.

⁴ Cf. DAp 146.

aprendizado com Jesus vai, necessariamente, configurar o nosso agir segundo o seu, com as mesmas motivações, mesmos sentimentos e mesmos valores.

6 – Discípulos e missionários: compaixão diante da fragilidade humana

40. O olhar de Jesus sempre foi um olhar preocupado. Quando ele via uma pessoa, imediatamente via suas necessidades, seu sofrimento e sua dor. Ao perceber qualquer situação de sofrimento, Jesus deixava se mover pela compaixão, que não era mero sentimentalismo, mas gerava compromisso, envolvimento.

41. A compaixão é um sentimento que deve tirar a pessoa da passividade, deve lançar ao encontro do outro para a realização de gestos concretos para a superação do sofrimento e de suas causas.

42. Movido pela compaixão, Jesus ia ao encontro das pessoas, se inteirava de seus problemas, de sua realidade para, em seguida, agir. Não uma ação impositiva e condicionante da vida das pessoas em relação a ele, mas uma ação a partir da realidade da pessoa que possibilitava a ela a continuidade livre e madura da própria vida. Não era uma ação interessada, mas libertadora.

43. Nós, discípulos e missionários de Jesus, temos que ser seus imitadores. Diante das diferentes situações que geram sofrimento no mundo, precisamos agir a partir da compaixão decorrente do nosso olhar interessado no bem do outro, um olhar amoroso, que não instrumentaliza, mas promove.

44. A partir de tudo isso, pensamos nas situações relacionadas com a saúde pública que nos rodeiam. Tomamos conhecimento das situações mais desumanas que acontecem na nossa sociedade, principalmente no que diz respeito ao sistema público de saúde, a negligência e o descaso do poder público e o sofrimento da nossa população. Não é o caso de narrarmos fatos aqui porque supomos que são de conhecimento de todos principalmente por causa da grande divulgação dos mesmos nos meios de comunicação social.

45. O nosso olhar deve voltar-se para tudo isso e, a partir da prática de Jesus, originar a compaixão em nossos corações e nos motivar para o agir. Mas este agir não pode ser limitado a critérios humanos. Precisamos ir além.

46. O verdadeiro discípulo missionário de Jesus está sempre aberto às contribuições do conhecimento humano para a superação dos problemas, mas sabe que essas contribuições não são suficientes para a verdadeira superação dos problemas. Por isso, ele coloca como critério último para superação dos problemas a fé. Tudo se submete a ela e, diante dela, não existe nada de definitivo ou absoluto.

47. Para superar o sofrimento humano em geral e a questão da saúde pública em especial, precisamos dos critérios da fé. Este critério só pode ser utilizado por quem de fato se encontrou com Jesus e deu a sua adesão a ele. Mas este encontro com Jesus é fruto da graça divina mediada pela ação da Igreja. É por isso que a superação dos problemas relacionados com a saúde pública passa necessariamente pela ação evangelizadora da Igreja, porque ela forma discípulos e missionários, despertando nos seus corações os mesmos sentimentos de Jesus.

7 – Evangelizar para despertar a solidariedade

48. Evangelizar é criar laços fraternos. É criar condições para que todas as pessoas assumam conscientemente a graça batismal, ou seja, vivam como filhos e filhas de Deus, como irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai que está nos céus.

49. A palavra irmão não pode ser simplesmente um verbete dentro de um vocabulário formal usado nos ambientes eclesiais. Deve, antes de tudo, ser a expressão de uma postura existencial de comprometimento com as pessoas que, como nós, são convidadas para participar da família da qual Deus é o Pai e Jesus o irmão maior.

50. Viver a fraternidade significa, segundo os critérios do Evangelho, se comprometer. Quem quer ser verdadeiramente cristão deve ter a consciência de que a sua vida vai ser marcada por muitas dificuldades, uma vez que a solidariedade faz com que as dificuldades dos nossos irmãos e irmãs sejam nossas dificuldades. As dificuldades dos nossos irmãos e irmãs devem mover a nossa compaixão, nos angustiar e nos remeter a gestos de solidariedade em relação a eles. É por isso que o Concílio Vaticano II nos diz que as dores e as angústias do mundo são as dores e as angústias dos discípulos e discípulas de Jesus⁵.

⁵ Cf. GS 1

51. Isso só pode acontecer se houver um verdadeiro trabalho evangelizador, que possibilite a todas as pessoas o verdadeiro encontro com Jesus. Este encontro gera nas pessoas um processo de conversão que, por sua vez, remete à vida comunitária, eclesial, que só será realmente assumida se as pessoas forem realmente iniciadas na vida cristã, não apenas de forma sacramental, mas existencial. Na comunidade, a pessoa terá as condições necessárias para que possa ser verdadeiramente um discípulo missionário de Jesus e, de fato, a partir dos valores do Evangelho, contribuir para a superação do sofrimento, da dor e da morte.

Conclusão

52. Advento é tempo de preparação para o Natal. É tempo de anúncio da grande verdade da encarnação do Verbo. Tempo do Advento é tempo de tomarmos consciência de que somos evangelizadores, que participamos, por dever e por direito batismal, da ação evangelizadora da Igreja a fim de que o Verbo que se fez carne e habitou entre nós continue se encarnando na história da humanidade.

53. A Igreja vem ao nosso encontro para dizer: a Campanha para a Evangelização está acontecendo. Precisamos aderir a ela, precisamos assumir nossas responsabilidades, precisamos superar a religião ritual e, como presente de Natal a Jesus, nos tornarmos seus discípulos e missionários. Vamos ao encontro daquele que vem para que ele mude nossa vida. Vamos promover o encontro de todos com aquele que vem para que todos tenham a vida mudada e se tornem discípulos e missionários de Jesus.